

Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

2 – O PREÇO DO SORRISO



João Neto*

Anuncia-se ao longe: o circo chegou! Todos vestem sua melhor roupa e, alegremente, vão prestigiar o grande espetáculo.

Sob a grande lona, as arquibancadas estão repletas de gente. Acendem-se os holofotes!

Tudo começa...

De trás das cortinas saem os exuberantes palhaços, que arrancam risos de pessoas de diversas idades... Há um delírio, quase uma histeria nos gritos e nas risadas estridentes...

Como pode aquele pequeno grupo de três, seis e, às vezes, nove atores contaminar de alegria tão diversificada plateia? São profissionais da arte de rir, de atuar, de representar papéis variados.

De repente, algo é lançado da arquibancada. Os holofotes, que faziam os **Saltimbancos** brilharem, não os protegem do inesperado ataque. Eles estão **Vulneráveis**, mas o show tem de continuar... E um deles observa o que acontece, vigilante

como **Sentinela**, sem sair de seu posto. O espetáculo segue: adentram uns, saem outros... Às vezes formam **Totens**, empilhados uns sobre os outros, tentando se equilibrar. Outras vezes, se enlaçam numa **Triade**, como se não fosse possível se libertar. De repente, três **Mascarados** entram no picadeiro e começam a lançar flores para a plateia e ela as devolve. Eles continuam a lançar as flores e a recebê-las de volta, como se fosse uma **Pirraça**. O jogo fica difícil com essa **Dualidade**, essa reciprocidade de comportamento, que permanece com **Intensidade**. É necessário manter a serenidade e o controle, embora tenham clareza de que não podem se tornar **Fantoches** do público. Vozes de bonecos **Marionetes** anunciam o final. O mestre de cerimônias, **Ímpar** na elegância, se despede ainda com **Risos**, enquanto as luzes se enfraquecem e se apagam.

Espelhos são colocados e as luzes reacendem. No último ato, a plateia se vê e

***João Neto** (Minas Gerais – Bahia) – Artista, Arquiteto e Urbanista vive e trabalha em Salvador - Bahia. Graduado pela FAUFBA em 2006, há quatro anos vem se dedicando exclusivamente às artes plásticas. Inicialmente desenvolveu várias atividades artísticas como a pintura e a partir de 2016 vem se dedicando aos processos cerâmicos e uma produção de séries escultóricas, nas quais seu principal motivo criativo está relacionado com as questões do homem contemporâneo. Tendo participado de exposições coletivas, feiras de arte e em 2019 integrou um programa de TV na rede GNT.

se vai...

Sozinhos, nos bastidores, os palhaços se despem, limpam a tinta do rosto. O peso do espetáculo se esvai: já não cabe mais ali...

Os pagantes não foram tantos para custear a noite, e o peso da responsabilidade recai sobre eles. Mas é preciso aguentar firme e continuar, pois o **Choro dos Reis** não é compatível com a missão a que se propõem com sua arte...

*

Ninguém começa a pensar frente a uma escultura. Você tem de sentir, não precisa entender. Apenas deixe acontecer. Depois de se dedicar a esse sentir, você se expõe...

Através desse estado, não busco construir um personagem, mas sim encontrar essas energias próprias, tentando transformá-las em arte.

A figura do palhaço explora os significados de meu passado, presente e futuro, integrando, assim, as intensas emoções de minha história de vida e dando sentido a ela.

Neste momento, os palhaços mostram minha filosofia de ser artista.

Nesta exposição, está sendo privilegiada uma linguagem cênica humorística e singular, própria do palhaço. Quanto à subjetividade contemporânea, trabalho com modelos sobre a sociedade atual. O palhaço constrói suas piadas com base em elementos do cotidiano, satirizando conceitos sociais impregnados na rotina do homem comum. É um crítico social e, ao contrário de nós, não esconde suas fraquezas. Ele as revela sem dissimulação, fazendo-se alvo de tudo há de ruim ou de feio, mas ridicularizando suas fraquezas, que também são as nossas... O palhaço revela a humanidade que tentamos esconder com nossas convenções sociais.

Ele é o próprio autor que se expõe, mostrando sua ingenuidade, mas, ao rirem dele, na verdade, as pessoas estão rindo delas próprias...

As séries consideram o palhaço como provocador do riso e transgressor da ordem, com seu comportamento às avessas. Ele aborda questões da figuração e da representação de si mesmo, com o nariz vermelho, uma maquiagem extravagante e acessórios. Trata-se de uma exposição que abre as imagens não só a inúmeras

possibilidades de experiência e interpretação, mas, sobretudo, a uma importante contaminação do que constitui o tempo presente.

O palhaço me recorda que o riso pode ser de dor. Trata-se de uma figura-limite de muitas coisas, uma figura com múltiplos usos e transformações. Entre o rosto e a máscara, há uma distância... O palhaço é a anulação da máscara. Ou seja, máscara e pessoas coincidem. Mas, depois, todos possuem uma identidade e uma individualidade que é importante procurar e identificar. São fisionomias móveis e transitórias, por oposição à ideia de estátua e de permanência perene.

As figuras que surgem nas esculturas promovem a percepção exata de sucessões fisionômicas organizadas, não como representações ou presenças. Não são representações de mim mesmo, mas, ao mesmo tempo, compartilham minhas afecções e as expressam em suas diferentes fisionomias. A constatação de se tratar de muitos rostos para um mesmo modelo aponta uma possível direção dessas obras, em que coexistem padrões repetitivos, embora com diversas intensidades conquistadas através da fisionomia. E é esse peculiar exercício fisionômico que estabelece a afinidade e a familiaridade entre as diferentes séries e seus diferentes tempos. A unidade advém do permanente interesse do artista pela máscara, pela personagem, pela duplicação para produzir alterações na fisionomia.

Para cada uma das 49 esculturas, o espectador vê apenas as coisas imediatas, embora o artista esteja aberto a diferentes diálogos. Conceitos de consciente e inconsciente emergem em seus rabiscos, no processo de pensar seu próprio processo criativo.

O aspecto mais importante de meu trabalho é uma poesia interna, com símbolos que estimulam a associação e a livre memória.

Alguns espectadores apenas veem o assunto de modo bastante restrito. Outros associam o que veem a lembranças felizes.

Outras, porém, temem a evocação de lembranças do passado...

*

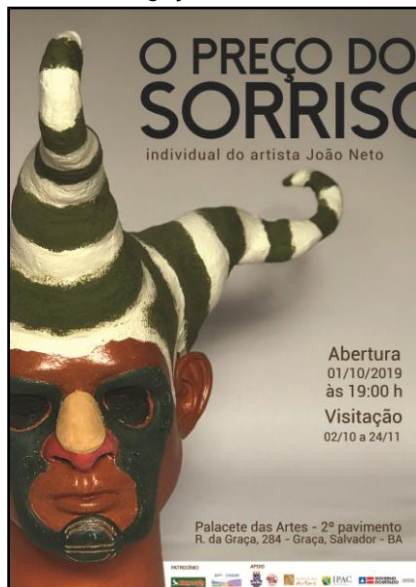
Agradecimento especial à Marlice Almeida e Eriel Araújo. Marlice Almeida foi a minha primeira professora de cerâmica, quem me ensinou toda a parte técnica. Mas nossa relação saiu do período de aulas e ela sempre me acolheu em todos os momentos de dúvida e ansiedade. Sempre me acolhendo “como filho”.

Eriel Araújo foi meu professor em duas disciplinas da Escola de Belas Artes e responsável por organizar toda a parte técnica com as idéias que eu tinha. Me fazer pensar poeticamente e me direcionar para a montagem da exposição.

João e Celeste na abertura da exposição



Cartaz divulgação e foto na abertura



Fotos: Arquivo do autor

Série Saltimbancos



Série Risos



Dual



Série Marionetes



Série Fantoches



Série Mascarados



Série Pirraça



Série Vulneráveis



Série Tríade



Série o Choro dos Reis

